

Quem se debruça sobre a história da salicultura na região de Aveiro, logo se apercebe que está perante uma actividade secular – certamente anterior à nacionalidade – que apesar de ter como característica dominante a aleatoriedade dos resultados anuais da produção, foi o ouro branco, a mola impulsionadora do progresso de Aveiro até tempos relativamente recentes. Actividade de cariz profundamente identitário, viu, nas últimas décadas, começar a pairar sobre si a sombra ameaçadora do declínio. Mesmo ao desaparecimento. E não parece capaz de se auto-reanimar. Foi no convencimento de que a forma mais eficaz de promover a sua preservação é através de uma intervenção exterior que optei pela proposta de institucionalização do Ecomuseu do Salgado de Aveiro. Deve ser entendido como pólo congregador de sinergias múltiplas, dinâmico e dinamizador de uma actividade claramente deprimida e agente de preservação da cosmovisão marnoteira. O Ecomuseu do Salgado de Aveiro será um agente de socialização, escorado num projecto de auto-desenvolvimento de uma comunidade, que tem em conta o passado porque visa o devir.

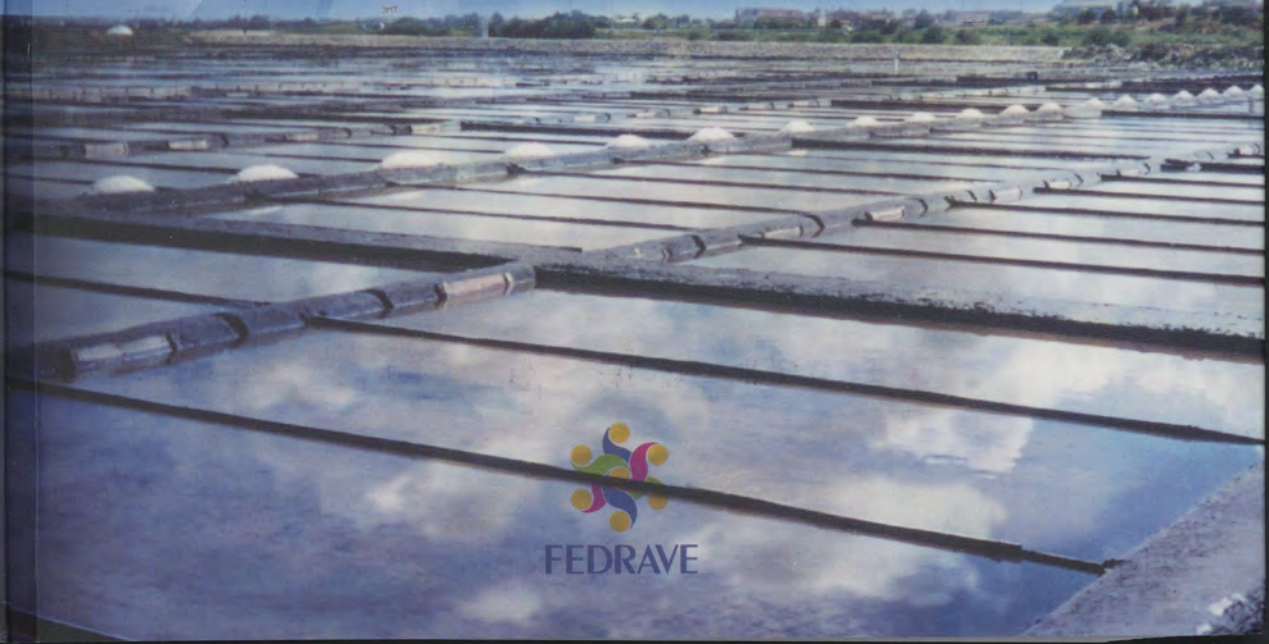
Énio Semêdo

ECOMUSEU DO SALGADO DE AVEIRO  
Preservar para transmitir

# Énio Semêdo

# ECOMUSEU DO SALGADO DE AVEIRO

Preservar para transmitir



**Ficha Técnica**

Título: ECOMUSEU DO SALGADO DE AVEIRO

*PRESERVAR PARA TRANSMITIR*

Autor: Énio Fernandes Curvo Semêdo

Edição: FEDRAVE - Fundação para o Estudo e Desenvolvimento da Região de Aveiro

Composição: José Luís Santos

Capa: Armando Mónica

Fotos a cores: Énio Semêdo, com tratamento de Hugo Rios

Impressão: Rebelo - Artes Gráficas, Lda.

Data de Impressão: Dezembro 2009

Depósito Legal: 304289/10

ISBN: 978-972-8046-12-5

# ÍNDICE

## ÍNDICE DE FIGURAS

## ABREVIATURAS / SIGLAS

## INTRODUÇÃO ..... 15

## 1. HISTÓRIA, SIMBOLOGIA E USOS DO SAL EM TEMPOS

### RECUADOS ..... 25

### 2.DO MUSEU AO ECOMUSEU ..... 43

#### 2.1 A Ria de Aveiro como tema museológico..... 49

##### 2.1.1 O carácter da região: a Natureza e os Homens ..... 49

##### 2.1.2 Formado o solo, vieram as gentes e fizeram o chão ..... 61

##### 2.1.3 Com sal se lavraram certidões de nascimento ..... 64

##### 2.1.4 ...E de sal se impregnou a identidade aveirense ..... 72

#### 2.2 A opção pelo ecomuseu ..... 85

##### 2.2.1 Antecedentes ..... 85

##### 2.2.2 Contextos favoráveis à institucionalização dos ecomuseus ..... 89

##### 2.2.3 Contributo de Georges Henri Rivière ..... 93

##### 2.2.4 Justificando o termo ..... 96

#### 2.3 Participação das populações e dos técnicos no implemento, organização e desenvolvimento do ecomuseu ..... 97

#### 2.4 Proposta do ecomuseu do salgado de Aveiro ..... 104

##### 2.4.1 Marinha ..... 108

##### 2.4.2 Pólo-edifício ..... 112

##### 2.4.3 Casa da Beira-Mar ..... 123

##### 2.4.4 Percursos – Rotas do Ouro Branco ..... 125

#### 2.4.5 Pólo gastronómico ..... 126

## BIBLIOGRAFIA

## ÍNDICE

## ILUSTRAÇÕES

<b>3. O QUADRO PRODUTIVO</b> .....	133
3.1 As alfaias .....	133
3.2 Morfologia de uma marinha – Compartimentos e suas funções .	137
3.3 Técnicas – Operações estratégicas .....	145
3.3.1 Escoamento das águas .....	146
3.3.2 Reparações periódicas dos estragos, limpeza da marinha e reconstrução das divisórias .....	149
3.3.3 Estrangedura e curas .....	150
3.3.4 Gestão e controlo das águas .....	158
3.3.5 Recolha, armazenagem e transporte do sal .....	174
3.3.6 (Outras) Estratégias para aumentar a produção .....	183
3.3.7 Estratégias secundárias que contribuem para a brancura do sal	186
3.3.8 Vestuário .....	187

<b>4. REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO EM TORNO DA SALICULTURA</b> .....	193
4.1 Na literatura e nas artes .....	197
4.2 Manifestações do vigor físico .....	204
4.3 Expressões do brio profissional .....	205
4.4 Invocações .....	207
4.5 Categorização do desempenho profissional .....	212
4.6 Capacidade de inovação tecnológica .....	214
4.7 Modos de enfrentar as doenças .....	218
4.8 Relações familiares .....	219
4.9 (Outras) Permanências e mudanças .....	220
4.10 Um dia na marinha na fase da colheita .....	221

<b>5. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO</b> .....	227
5.1 Com os proprietários .....	228
5.2 Contratação dos moços e seus papeis .....	236
5.2.1 A feira dos moços; o alborque .....	236
5.2.2 Mobilidade .....	238
5.2.3 Iniciação .....	239

5.2.4 Aprendizagem sem ensino? .....	240
5.3 Com os agricultores .....	246
5.4 Com os outros marnotos .....	250
5.5 Com os armazenistas .....	253
5.6 Com os barqueiros .....	256
5.7 Com as mulheres .....	261
5.8 Com outros .....	265
<b>6. O PRESENTE ETNOGRÁFICO .....</b>	<b>269</b>
6.1 Um rápido relance pelo passado .....	269
6.2 As implicações dos sistemas de comercialização do sal .....	276
6.3 Despesas do proprietário – Regimes de exploração .....	279
6.3.1 Despesas dos proprietários .....	281
6.3.2 Despesas dos marnotos .....	285
6.4 Contributos recentes para a crise .....	287
6.5 Medidas que poderiam ter sido tomadas .....	290
6.5.1 Transportes .....	290
6.5.2 Organização da produção; mecanização .....	291
6.5.3 Deficiências de fabrico .....	292
6.6 Outras medidas para debelar a crise .....	295
6.6.1 Comercialização .....	295
6.6.2 Indústria química .....	296
6.6.3 Alimentação .....	297
6.6.4 Turismo .....	298
6.6.5 Cultura .....	299
<b>7. À GUIA DE CONCLUSÃO .....</b>	<b>305</b>
<b>8. NOTAS FINAIS E AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>315</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>323</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>351</b>
<b>ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>375</b>